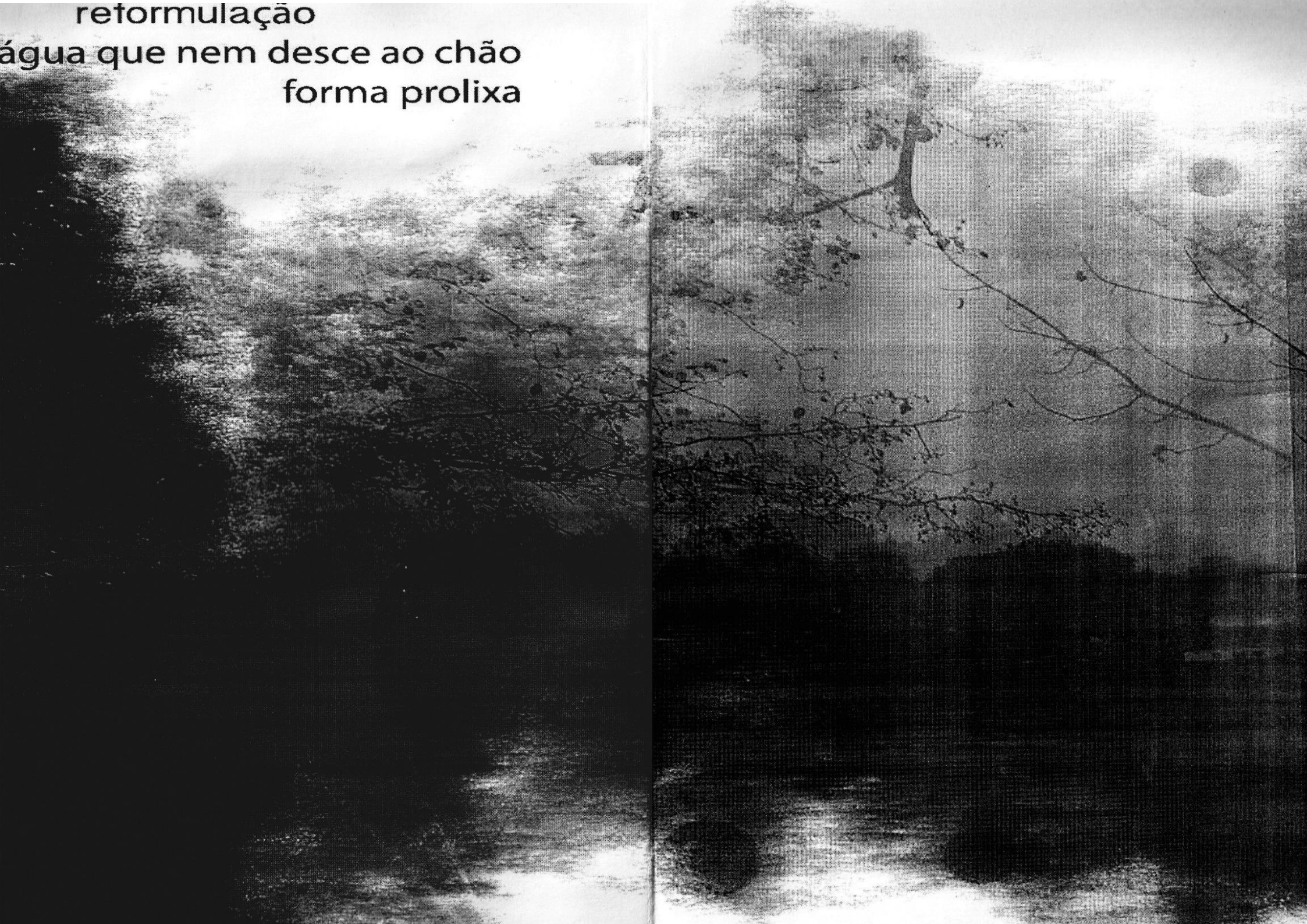
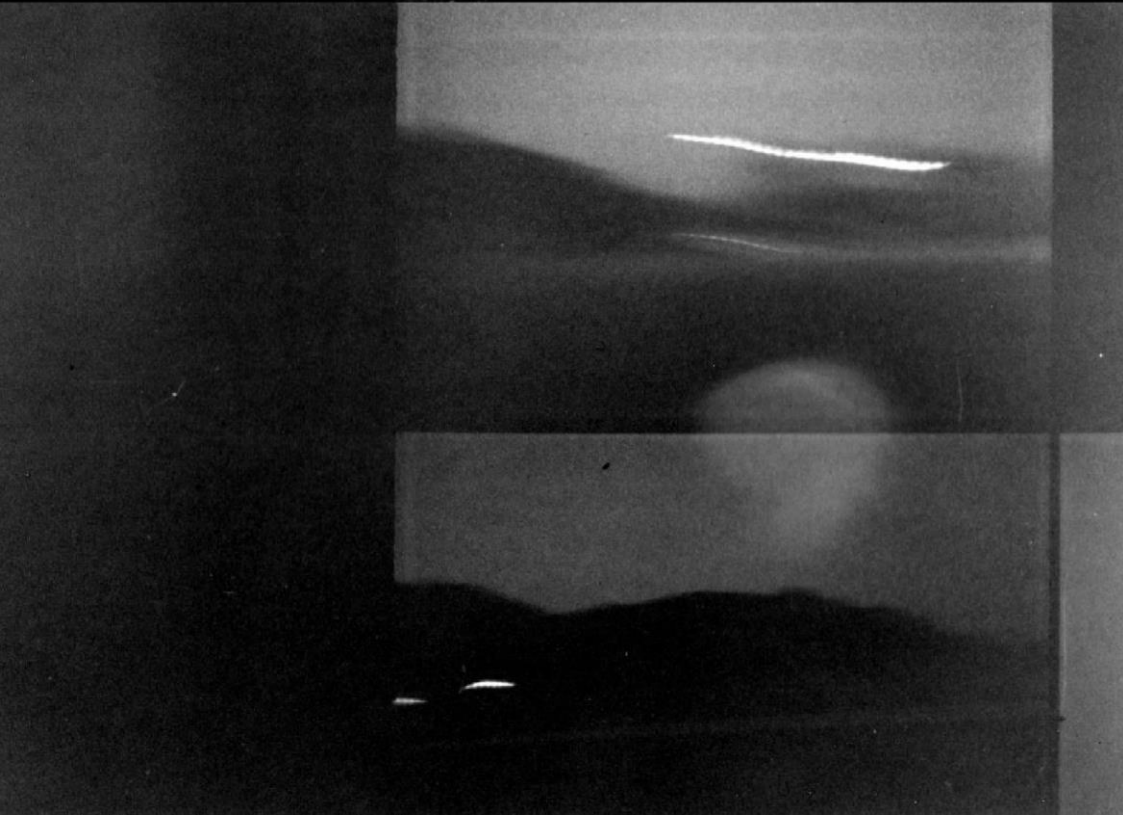
Seminal
Records

reformulação
água que nem desce ao chão
forma prolixa

PALESTRA

(partitura)

Introdução

(Burburinho de vozes do público. Play em arquivo pré-gravado: Algaravia de vozes gravadas. Elas se misturam às do público)

Ato I: Esvaído de conteúdo real.

(Inicia a leitura do Texto. Ao longo da mesma os sons gravados- vozes, texturas, ruídos- tornam-se mais e mais altos ao ponto de submergir o som da voz que lê, e continua lendo indiferente ao ruído ambiente.)

A ontologia pretende captar a especificidade daquilo que existe (os "entes") ou da estrutura de ser ("o" ser) em sua generalidade máxima. A ontologia das obras de arte pretende definir o ser das obras de arte.

A morfologia pretende captar o devir das obras e atos e suas condições de identidade e processos de transformação. Ambas, ontologia e morfologia, reconhecem a outra como impossível, porém necessária.

Estou chamando "Obra" aqui qualquer entidade sistêmica que se destaque de seu entorno por um mínimo grau de autonomia; que se enquadre em práticas de fruição e veiculação de "arte".

Existem marcos institucionais para a constituição do que se chama "arte", dos quais os museus, salas de shows e concertos, salas de cinemas, e formatos de mídia livros e discos são exemplos paradigmáticos. As "obras", no entanto não se reduzem à sua localização nestes marcos e por vezes pretendem habitar espaços diversos destes habitualmente consagrados a elas (ruas, protestos, arte solipsista).

Isto é uma petição de princípio: se a instituição-arte não é capaz de determinar o que é arte e o que não é, a determinação repousaria sobre uma definição- intrínseca ou relacional- do que seja arte. Mas a arte não é capaz de fornecer esta definição e sua deriva de dentro para fora e de volta para a instituição-arte exige precisamente a indefinição como condição de possibilidade.

As condições de identidade das obras são internas ao seu funcionamento e são auto-colocadas pelas próprias obras (os atos performam sua própria crítica imanente).

Chamo 'morfologia' a tentativa de localizar precisamente estas condições de identificação em funcionamento, ato contínuo relacionando todas as instâncias que participam desta identificação: a instituição, a matéria de base, aquilo que se repete e o que é diferente em cada "repetição do ato".

"Repetição" vem entre aspas por não se configurar como uma retomada ou retorno do mesmo. A repetição da obra é necessariamente diferente. Mas esta diferença pode ser elucidada.

"O ato é virgem, mesmo repetido."

A morfologia é um meio para se localizar os nexos identitários das obras colocadas por elas mesmas. Em fazendo isso, a morfologia localiza especificidades sensíveis e de pensamento colocadas por versões-mundo não-verbais.

A idéia de versões-mundo implica na criação de mundos tal-como-construídos pelas obras/atos. A obra possui uma dimensão contrafactual ao agir sobre o que vê como constituindo a realidade que a cerca. Ela age "como se..." o que vê fosse real.

Em agindo sobre "o mundo tal qual ela vê" ela age sobre o mundo.

Agir sobre o mundo não é necessariamente representá-lo, mas efetivar um ato sobre ele. Mudar algo de um lugar para o outro.

Mais do que retratá-lo o ato quer ser suscitado pelo mundo. Em sendo suscitado, guarda em si próprio a marca do que o motivou.

A crítica imanente repousa sobre contingências que transcendem o ato. É na tensão entre a auto-colocação das condições para a sua identidade (dimensão imanente) e a manutenção ou não da mesma no tecido social (contingência) que a obra se "politiza".

Em outras palavras, é na tensão entre sua autonomia (responsabilidade pela colocação de suas próprias condições de identificação) e sua heteronomia (dependência de marcos regulativos para o seu funcionamento) que a obra se politiza. Politizar aqui significar problematizar a própria identidade. A obra se intersecta com a ontologia ao problematizar constituição de identidades.

A saída da arte da instituição é um requisito nosso. A saída do ato genérico da "arte" um desejo.

A autonomia é aquilo que não permite que o ato se dissolva na empiria. A heteronomia é aquilo que traz a marca do seu entorno. A indefinição é aquilo que permite o trânsito da obra para fora da arte, mas é também aquilo que prende a arte no trânsito da obra. A questão da obra passa a ser "é isto ou não obra?".

Acredita-se que o objeto estético está-para outra coisa.

Todo ato que é definido como arte ganha algo e ao mesmo tempo perde. O que ganha em referencialidade perde em ipseidade.

Pense em um protesto transferido para o museu.

A saída da arte é o cruzamento de um limite. Mas ao cruzar este limite o ato se dissolve na empiria. Cruzar o limite mantendo a sua dignidade é o resultado da autonomia do ato. E então ou ele é um outro ato, mobilizado para outros fins, ou permanece sendo obra e a arte se repete.

A dissolução da arte na vida só acontece com o desaparecimento do limite.

"Portanto, ou não há limite, e este é reduzido a uma oposição muito humana, e o desejo está ausente em ambos os lados; ou o desejo realmente varre o limite do campo, e sua ação não é transgredir o limite, mas pulverizar o próprio campo em superfície libidinal."

Não estou certo de que esta não seja uma posição pelega. Pulverizar o campo em multiplicidades pode facilitar as capturas.

A arte comparece no resultado. O processo de constituição (morfologia) comparece como ato genérico. Nosso interesse é exibir o ato genérico e o que ele é capaz de mobilizar em arranjos e formas de vida.

Um objeto é a concreção de um processo. Na captura o processo é esquecido e subsiste o objeto. A morfologia pretende resistir à captura.

Neste sentido, a morfologia é a resistência à ontologia. Mas a ontologia pode expressar os pressupostos da morfologia.

Nada está dado de antemão. Não sei o que será daquilo que crio. Mas pressiono o mundo para que ele se dobre momentaneamente à ação de meu ato (para que este sobreviva). E que este exiba algo da forma do mundo.

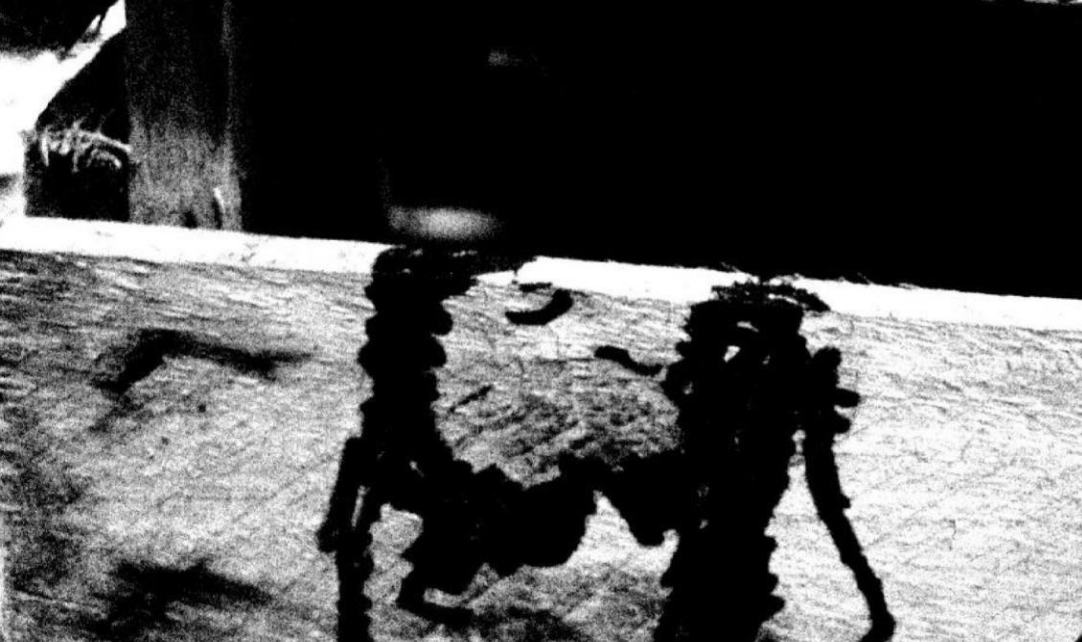
O mundo, em seu ímpeto reprodutivo, age sobre mim para que a obra venha à tona. A obra carrega a marca de sua nascença.

A nossa obra foi até aqui, na melhor das hipóteses, um nobre fracasso.

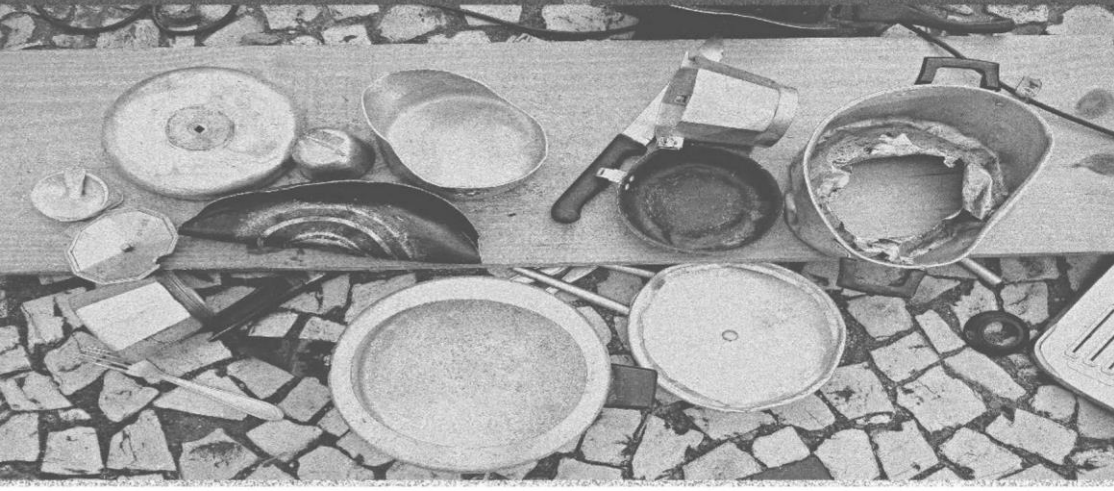
(Termina de ler o texto. Sua voz não mais é ouvida, submersa pelos sons gravados. Permanece imóvel por alguns segundos, escutando)

Ato II. Impressão fantasmática de genialidade.

(permanece imóvel por todo o segundo ato. Ou dirige-se a uma coleção de objetos previamente escolhidos e faz com eles sons, amplificados ou não.)

sons, gestos, silêncio.

PANELAÇO CONTRA A RAÇA HUMANA

02 AGO 2015

DIA NACIONAL DO COMBATE À HUMANIDADE

Tecnopatas de todos os estados – uni-vos. Preparem seus abdômens psíquicos para a celebração d'O Dia Nacional do Combate à Humanidade. Que mil sóis em mil sistemas sejam consumidos por mil anos.

Anti-suino-simionistas, apesar das diferenças estéticas, são bem vindos (nessa data deixemos a disputas quanto à Natureza do Grande Aniquilamento de lado – não importa se voltamos ao reino de Gaia ou a muitos mais bela Insurgência Telúrica Ômega).

Desirmãos: organizaremos esse panelaço / ruidera horizontalmente e de modo descentralizado, como uma colônia de consciências verminosas próprias de uma chtullocena, despertar da antiguidade imemorial que nos une ao futuro.

Esse é um pequeno passo, a expressão de uma desconfiança e seu sentido estético. Violência sublimada rumo ao um despedaçar interior, sem derramamento de sangue e nem vandalismos menores contra o mundo físico.

Faça sua parte: convoque seus pares e promova panelaços / ruidaços em horários e locais estratégicos, durante durações não-pelegas (mínimo de 30 minutos), com energia e fúria sonora; obeliscos do futuro assistirão decerto nossa sintonização teleopléxica.

BHNoise

Outtra

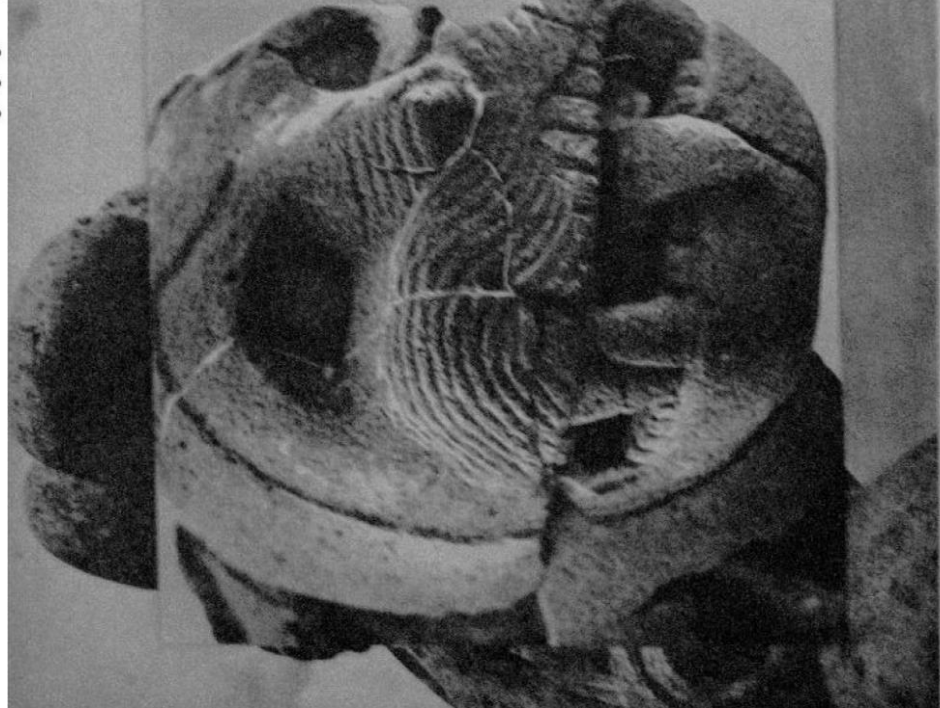
Laboratório de Sons e Ruídos [Buda Bakuneinstein]

Marco Scarassatti [part. Henrique Iwao]

Carolina Botura e Joaquim Avelino

Insignificanto (Curitiba)

IIIIII (São Paulo/Rio de Janeiro)

Instalação "Rios Enclausurados", de Marco Scarassatti

17 de outubro de 2015, 22h
Casa do Jornalista
Av. Alvares Cabral 400, Centro, Belo Horizonte
Venda de álbuns e zines no local, em dinheiro
Entrada: R$ 15

TRÊS PRESENTES DE GREGO PARA TRÊS TRISTES MALDITOS

1.

abri o poço escuro

e me veio o som ao contrário

um lastro que vai um rio que vem

todos desafogados de uma união

um lastro que vai um rio que vem

apesar das ondas o que me sinto vendo

um lastro que vai um rio que vem

2.

era esse o texto

texto sim poema não porque no texto
parece que as palavras todas elas vão
ficar metidas nos espaços certos

aquele filete de água corrente aquela
porta que abre e fecha

3.

chovia histericamente na cidade

ASTROS

o maior é sobre o todo

pouco o mais que se espera

crescem caminhos e presas

provas que indicam corpo

fundo em poucos ruídos

tantos que se sabe como

sempre pouco em mais espera

é essa a esperança

nesse escuro que se tem:

Vista de astros

doces

fixadas

eternas-claras

é essa a esperança

e algum desejo

eu ouço

crescem caminhos provas que
indicam corpo

o maior

é sobre

tudo

ao longe astros

caminhos vão

abjeto ou [3+] 4

[O texto que segue não deve ser lido como um guia de escuta do álbum.
Apenas é uma descrição do processo de produção [e/ou coisas que passaram pela cabeça] do material)

Trabalhei no material durante 2014-2015. Não foram anos dedicados exclusivamente as composições, porém durante esse período filtrei de um HD externo produções esparsas que tinha desde pelo menos 2009, além de material produzido para o álbum. Assim, existem materiais no álbum de várias formas, softwares e ano de produção. Em geral os materiais contínuos foram produzidos exclusivamente para o álbum, os outros foram retirados de material de arquivo de outras produções. (Todo material foi inédito. Apenas foi utilizado experimentos gravados que estavam parados num HD)

No trabalho constam 4 faixas que podem ser descritas como a aplicação de 3 formas de organização sonora.

1- Contínuos fixos

2- Curtos e voláteis

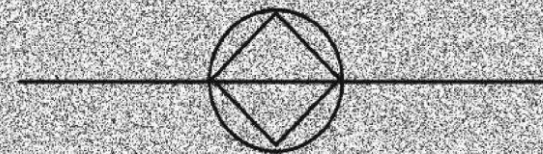
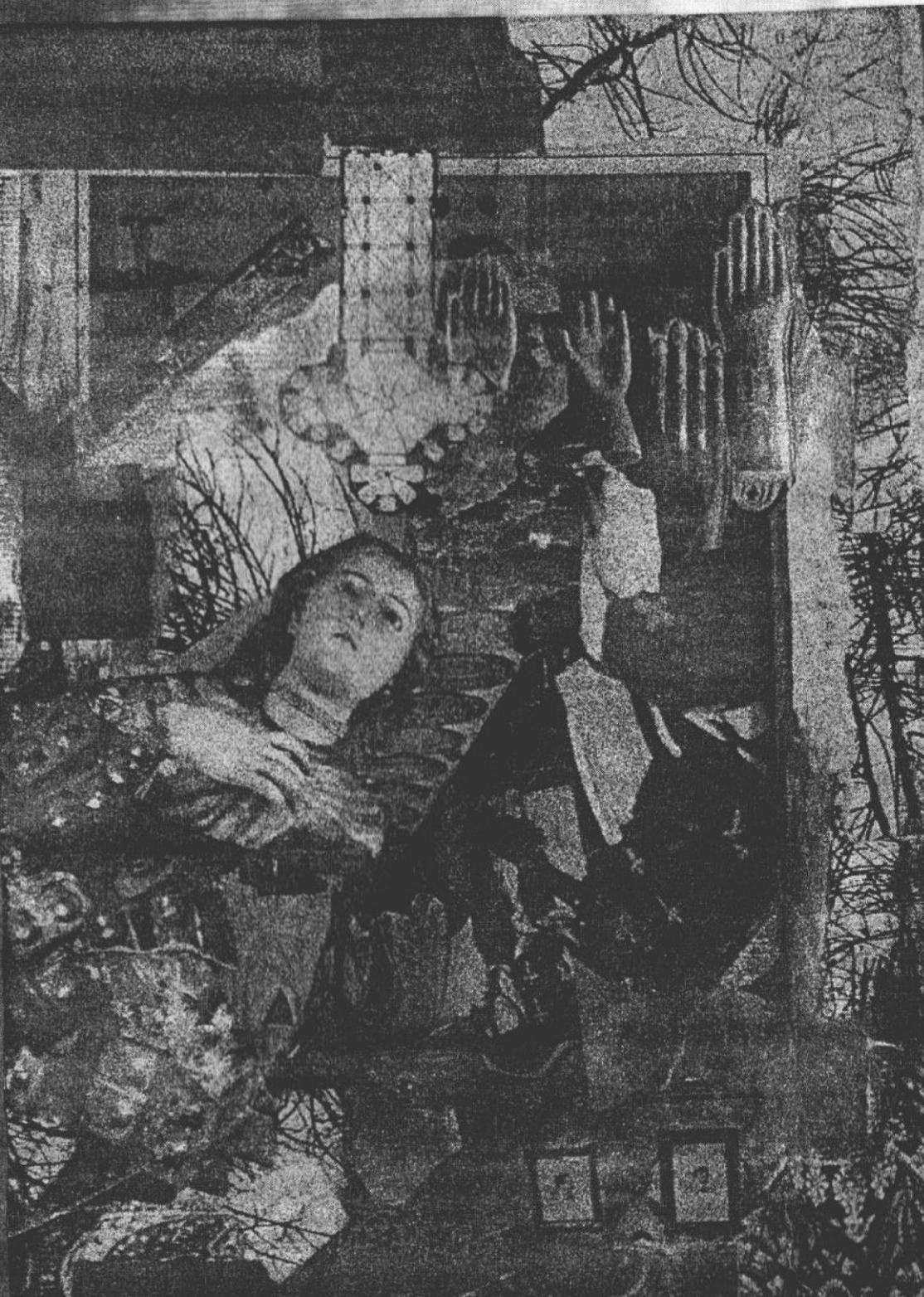
3- Cíclicos [este pode ser considerado a soma dos dois anteriores ou como + um]

Podemos notar a utilização destes na faixa *yladrofno*, onde identificamos uma linha que se desenvolve gradualmente e é repetida até o final da música. Além de sons repentinos variados de duração curta que interferem na textura sonora, onde a articulação destes gera ciclos aproximadamente simétricos temporalmente.

Segue uma breve descrição das faixas:

ltiodgler: referência a existência terrena. Com sons de semelhantes a fábrica, manipulação grosseira de materiais e uso da voz.

yladrofno: aquática, remetendo a formações materiais líquidas. Os sintetizadores percorrem a faixa como um sopro, gerando a impressão de passarmos por um plasma.

rdeisednarn: soa como um fluído, como algo incorpóreo, fazendo referência ao transcendente.

REI QUADRADO
DEDO MODESTO

MACHADO
CABEÇA DE FERRO

CABEÇA DE UNHA
DEDO

REI MESTRE
ATORDOADO

CABEÇA DE MACHADO
UNHA DE DEDO

MODESTO DE FERRO
MESTRE QUADRADO

MODESTIA GRANDE
PARTE EM

PEQUENOS JOGADOS
JORRANDO PEDAÇOS
DE LUZ

PAIRA BAIXO
GOTAS EM
ARCOS NO ALTO

DA ÍRIS CROMÁTICO

GOLES MODESTOS
PEQUENOS

CRISTALIZADOS